Indústria Brasileira

Revista da Confederação Nacional da Indústria ▸ Ano 5 nº 50

Uma nova revolução verde

A bioeconomia está germinando no país, com negócios baseados em recursos renováveis e sistemas mais eficientes

AMAZÔNIA+21 ▸ Fórum indica oportunidades e estratégias para a região
NOVA LEI DO GÁS ▸ Paulo Pedrosa, da Abrace, explica o que pode mudar
SOLUÇÕES ▸ Os cursos do IEL para ajudar a enfrentar a pandemia

CNI

INVESTIR EM EDUCAÇÃO DEIXA O FUTURO CADA VEZ MAIS SEGURO.

Em um mundo em constante mudança, projetos inovadores em educação, saúde e segurança no trabalho ajudam a promover uma verdadeira transformação na indústria e na vida dos trabalhadores. E, para garantir que, no presente, profissionais da indústria brasileira estejam com um pé no futuro, o SESI conta com nove Centros de Inovação que desenvolvem as mais avançadas tecnologias, que beneficiam milhares de trabalhadores. É bom para o Brasil. É bom para todos. É bom para você.

O SESI está construindo hoje o futuro do trabalho.

#pelofuturodotrabalho
#ofuturodatrabalho

Saiba mais em www.sempresesisenai.com.br
/SESINacional /sesi /sesi-nacional

SESI
Serviço Social da Indústria
PELO FUTURO DO TRABALHO

Carta às leitoras e aos leitores

A descoberta do pré-sal no litoral brasileiro, durante a primeira década deste século, produziu uma revolução no setor, incentivou a atualização do marco regulatório de pesquisa e extração e estabeleceu uma nova fonte de recursos fiscais que permitirão o desenvolvimento dos sistemas de educação e saúde do país, com amplo impacto sobre a qualidade de vida da população.

Se essa foi, sem dúvida, uma boa notícia, um importante contraponto merece atenção. O tremendo estoque que se estende pelas bacias de Campos, Santos e Espírito Santo é um recurso não renovável e, um dia, se esgotará. Portanto, a matriz produtiva que se estabelecer sobre essa fonte de energia tem data para se extinguir.

A 4 mil quilômetros da camada do pré-sal, entretanto, outro patrimônio brasileiro está descoberto há cinco séculos. Na Floresta Amazônica, espécies vegetais e animais formam o maior ecossistema do planeta, com potencial para abrigar a melhor rede bioeconômica mundial. Com o uso de ciência e tecnologia, é possível preservar a riqueza natural da região e, ao mesmo tempo, alavancar processos de inovação e produção que incluam economicamente as comunidades locais.

Na reportagem de capa desta edição, empresários e especialistas contam como uma nova *revolução verde* tem movimentado os negócios e os povos na Amazônia Legal nos últimos anos. Os exemplos de empreendimentos como a Chocolates De Mendes, do Pará, o Grupo de Família, que recicla embalagens em Tocantins, e a Neogyp, que faz tijolos ultrarresistentes também em Tocantins, ilustram com nomes, produtos e histórias essa transformação. São negócios de menor escala, mas com enorme potencial de sustentabilidade e de nulo ou positivo impacto ambiental.

A revista *Indústria Brasileira* também relata algumas das principais contribuições dos participantes do *Fórum Mundial Amazônia+21*, realizado de modo virtual entre os dias 4 e 6 de novembro. Pesquisadores nacionais e estrangeiros discutiram diagnósticos e estratégias para ampliar a inclusão econômica dos povos da região. Soumitra Dutta, professor da Universidade de Cornell, convidou o Brasil a liderar a revolução bioeconômica global. "Não se pode ser líder em tudo. É necessário focar nas escolhas, que naturalmente são biotecnologia e sustentabilidade", disse, de Nova York.

A edição deste mês ainda abre espaço para outros temas importantes, como a gradual recuperação do fluxo de caixa pelas empresas após os meses mais críticos da pandemia, uma entrevista com o presidente da Abrace, Paulo Pedrosa, sobre o que pode mudar no país com a aprovação da *Nova Lei do Gás*, e um resumo das atividades do *Encontro Nacional da Indústria* (ENAI) de 2020.

Boa leitura e, enquanto durar a pandemia, se proteja e proteja as pessoas próximas a você!

Assista os eventos do *Fórum Amazônia+21*

Assista ao *Encontro Nacional da Indústria* (ENAI)

Conheça o Sistema Indústria

CNI
facebook ▸ cnibrasil
flickr ▸ cniweb
instagram ▸ cnibr
twitter.com ▸ cni_br
linkedin ▸ cni-brasil
youtube ▸ cniweb

SESI
facebook ▸ SESINacional
youtube ▸ sesi
linkedin ▸ sesi-nacional

SENAI
facebook ▸ senainacional
instagram ▸ senai_nacional
twitter ▸ senainacional
youtube ▸ senaibr
linkedin ▸ senai-nacional

IEL
facebook ▸ IELbr
instagram ▸ ielbr
twitter ▸ iel_br
linkedin ▸ iel-nacional

sumário

edição nº 50 *novembro 2020*

6 ARTIGO DO PRESIDENTE

8 REPORTAGEM DE CAPA
A revolução produtiva rumo à bioeconomia vai nos deixar menos dependentes de recursos não renováveis

16 INFOGRAFIA
Saiba como algumas indústrias mudaram sua organização produtiva para assegurar a sustentabilidade de seus negócios

18 AMAZÔNIA+21
Os principais debates do fórum que reuniu os setores público e privado na identificação de oportunidades e estratégias para a região

22 THIAGO RODRIGUES
Especialista em bioeconomia explica como funciona o Banco Nacional de Inventários do Ciclo de Vida de Produtos Brasileiros

24 INDÚSTRIA EM AÇÃO
Nova plataforma da Rede CIN aumenta a emissão de certificados para exportação, apesar da pandemia

26 COMPETITIVIDADE
Condições de financiamento começam a melhorar, mas fluxo de caixa das empresas ainda preocupa

30 ENAI
Pela primeira vez em modalidade virtual, encontro reúne especialistas e lideranças em diálogo de ponta sobre o futuro da indústria

34 ENTREVISTA
Paulo Pedrosa, presidente-executivo da Abrace, explica em detalhes a *Nova Lei do Gás*, agora em tramitação no Senado

36 TERMÔMETRO
CNI projeta queda de 4,2% do PIB e taxa de desemprego em 13,5% em 2020

38 ESTUDOS
Sondagem Especial mostra que faltam insumos em 68% das empresas industriais

40 GIRO BRASIL
Federação do Rio Grande do Norte e Sebrae fazem mapeamento de ecossistemas de inovação no estado

42 SOLUÇÕES
IEL oferece cursos e eventos para ajudar as empresas a superarem rapidamente os efeitos da pandemia sobre seus negócios

45 PODE CONTAR
Maurício Lassmann, proprietário da Telamix Indústria e Comércio, fala sobre o apoio da FIEB e da CNI na superação da crise

46 OUTRA VISÃO
Débora Alcântara, cofundadora do Grupo Orna, explica o conceito de inovação na prática

Revista Indústria Brasileira
Publicação Mensal da Confederação Nacional da Indústria - CNI
www.cni.org.br

***Confederação Nacional da Indústria* – CNI**

▸ **DIRETORIA**

PRESIDENTE
Robson Braga de Andrade

VICE-PRESIDENTES EXECUTIVOS
Paulo Antonio Skaf; Antonio Carlos da Silva; Francisco de Assis Benevides Gadelha; Paulo Afonso Ferreira; Glauco José Côrte.

VICE-PRESIDENTES
Sergio Marcolino Longen; Eduardo Eugenio Gouvêa Vieira; Antonio Ricardo Alvarez Alban; Gilberto Porcello Petry; Olavo Machado Júnior; Jandir José Milan; Eduardo Prado de Oliveira; José Conrado Azevedo Santos; Jorge Alberto Vieira Studart Gomes; Edson Luiz Campagnolo; Leonardo Souza Rogerio de Castro; Edilson Baldez das Neves.

1º DIRETOR FINANCEIRO
Jorge Wicks Côrte Real

2º DIRETOR FINANCEIRO
José Carlos Lyra de Andrade

3º DIRETOR FINANCEIRO
Alexandre Herculano Coelho de Souza Furlan

1º DIRETOR SECRETÁRIO
Amaro Sales de Araújo

2º DIRETOR SECRETÁRIO
Antonio José de Moraes Souza Filho

3º DIRETOR SECRETÁRIO
Marcelo Thomé da Silva de Almeida

DIRETORES
Roberto Magno Martins Pires; Ricardo Essinger; Marcos Guerra; Carlos Mariani Bittencourt; Pedro Alves de Oliveira; Rivaldo Fernandes Neves; José Adriano Ribeiro da Silva; Jamal Jorge Bittar; Roberto Cavalcanti Ribeiro; Gustavo Pinto Coelho de Oliveira; Julio Augusto Miranda Filho; José Henrique Nunes Barreto; Nelson Azevedo dos Santos; Flávio José Cavalcanti de Azevedo; Fernando Cirino Gurgel.

▸ **CONSELHO FISCAL**

MEMBROS TITULARES
João Oliveira de Albuquerque; José da Silva Nogueira Filho; Irineu Milanesi.

MEMBROS SUPLENTES
Clerlânio Fernandes de Holanda; Francisco
de Sales Alencar; Célio Batista Alves.

DIRETORIA DE COMUNICAÇÃO
Ana Maria Curado

Superintendência de Jornalismo
CNI/SESI/SENAI/IEL

SUPERINTENDENTE
José Edward Lima

GERENTE-EXECUTIVO DE JORNALISMO
Rodrigo Caetano

GERENTE-EXECUTIVA DE MÍDIAS SOCIAIS
Mariana Flores

Desenvolvimento e Produção

▸ **FSB COMUNICAÇÃO**

CONSULTOR EDITORIAL
Wladimir Gramacho

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Rachel Mello (DF 3877/95)

REPORTAGEM
Vivaldo de Sousa, Aerton Guimarães, Ana Flávia Flôres e Marina Simon.

PROJETO EDITORIAL
Guto Rodrigues

REVISÃO DE TEXTO
Renata Portella

CAPA
GettyImages

Informações técnicas:
tel (61) 3317-9472
fax (61) 3317-9456
revistacni@cni.org.br
Autorizada a reprodução desde que citada a fonte.

Brasil pode liderar bioeconomia no mundo

▸
Robson Braga de Andrade
empresário e presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI)

O aumento cada vez maior do aquecimento global tem levado as nações a buscarem formas variadas para mitigar as mudanças climáticas mundo afora. Umas das principais alternativas nesse sentido são os investimentos em bioeconomia, modelo de produção industrial baseado no uso sustentável dos recursos naturais. De acordo com o BNDES, o Brasil movimenta, atualmente, cerca de US$ 326 bilhões nessa área. É ainda muito pouco, se considerarmos que, de acordo com os últimos dados disponíveis, em 2015 a União Europeia já movimentava 2 trilhões de euros, com a geração de 18 milhões de empregos. Projeções da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) indicam que, em uma década, a bioeconomia deverá representar 2,7% do Produto Interno Bruto (PIB) dos países mais ricos.

Esse modelo de produção se vale da ciência e da tecnologia para desenvolver produtos inovadores, como alimentos, remédios, cosméticos, biocombustíveis e tantos outros, a partir das propriedades de plantas, animais, microrganismos e demais recursos biológicos. Um dos países com maior biodiversidade do planeta – sobretudo por abranger a maior parte do bioma amazônico, ter grande quantidade de terras férteis, água abundante e alta incidência solar –, o Brasil é considerado

por especialistas como o país com maior potencial para liderar, mundialmente, o mercado da bioeconomia.

A aprovação, pelo Congresso Nacional, do marco regulatório da biodiversidade, que definiu regras para o acesso e o uso do patrimônio genético, foi um passo muito importante nessa direção. É fundamental que, agora, seja construída uma política nacional, com objetivos claros, com instrumentos adequados ao alcance das metas e com regras estáveis, que criem um ambiente seguro para investidores que desejem aportar recursos nessa área.

Como o conhecimento é a base da bioeconomia, uma política nacional para a área deve ter como prioridade a expansão da rede de inovação e a integração de diversas atividades para a produção de tecnologias e de bens de alto valor agregado. Isso requer investimentos robustos e permanentes em pesquisa, desenvolvimento tecnológico e qualificação de mão de obra. É essencial, também, a criação de linhas de financiamento, com garantias, taxas de juros e prazos compatíveis com a inovação, assim como o incentivo ao capital de risco para empreendimentos que fazem uso sustentável dos recursos biológicos, a valorização dos instrumentos de proteção à propriedade intelectual e a aceleração dos processos de concessão de patentes.

Outro ponto decisivo para avançarmos nessa área é a interação entre centros de conhecimento e empresas, para facilitar a criação de produtos e processos que atendam às necessidades do mercado. É preciso, ainda, definir uma governança capaz de coordenar e garantir a eficácia das iniciativas de governos, empresas, academia e de outros setores da sociedade, para viabilizar ações que favoreçam o aproveitamento justo e sustentável da rica biodiversidade nacional.

Os pilares de uma agenda de longo prazo foram a base do fórum de debates Bioeconomia e a Indústria Brasileira, promovido neste mês, em Brasília, pela CNI. Acreditamos que os avanços nessa promissora seara são cruciais para o desenvolvimento da Amazônia, uma vez que permitirão combinar a conservação da floresta com o crescimento econômico e a geração de emprego e renda na região, trazendo benefícios para toda a sociedade.

Neste momento, em que temos o compromisso de planejar e preparar o Brasil para os desafios que enfrentaremos no pós-pandemia, a aposta na bioeconomia pode ser uma estratégia muito eficaz para ajudar o país a alcançar um ritmo de crescimento consistente, proteger o meio ambiente, se destacar no combate às mudanças climáticas e ser líder mundial em desenvolvimento sustentável. ■

Por dentro da bioeconomia

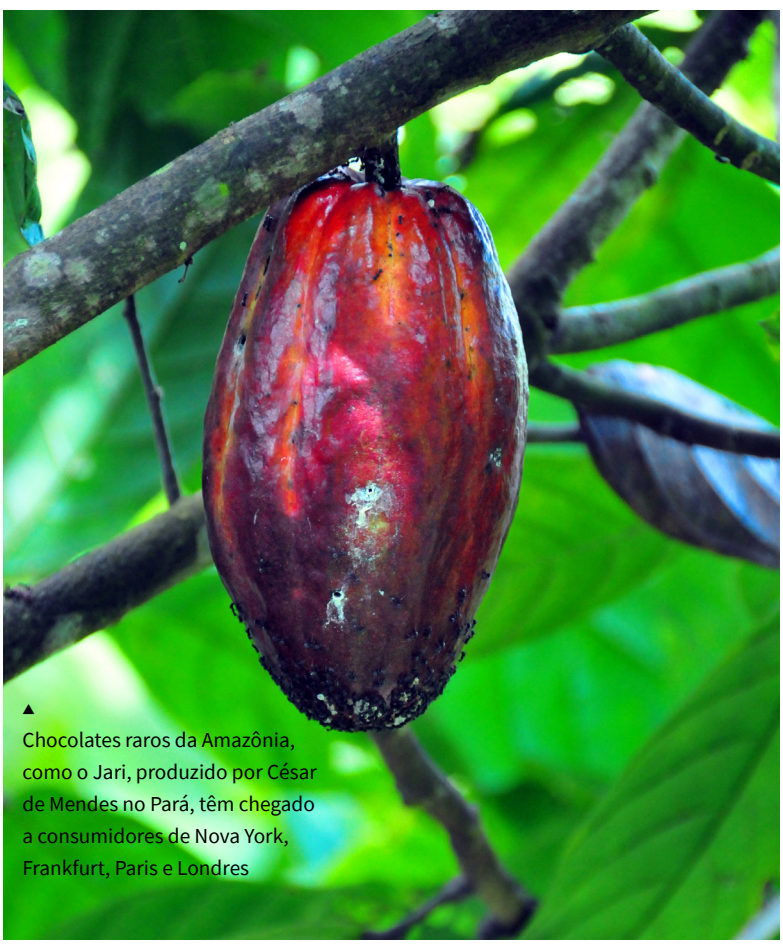
COMO FUNCIONAM OS NOVOS NEGÓCIOS BASEADOS EM RECURSOS RENOVÁVEIS, QUE RESPEITAM O MEIO AMBIENTE E LEVAM INCLUSÃO ECONÔMICA PARA COMUNIDADES DESFAVORECIDAS

Chocolate com *terroir* amazônico. Uma experiência exótica é o que promete César de Mendes, engenheiro químico e fundador da empresa Chocolates De Mendes, sediada em Santa Bárbara do Pará, na região metropolitana de Belém. O cacau nativo utilizado pela fábrica é colhido por ribeirinhos e índios e tem sido degustado por paladares em outros estados e também no exterior. O principal segredo da iguaria, contudo, não está na receita ou na cozinha, mas na parceria entre a empresa e as comunidades locais.

César começou a atuar na área em 1990, como consultor em engenharia de alimentos para empresas sediadas na capital paraense. Em 2005, durante um trabalho em Medicilândia, município do interior do estado, conheceu produtores de cacau e chocolate. Então, surgiu a ideia de fundar uma cooperativa destinada à produção de chocolate. O projeto, contudo, não deu certo. Segundo ele, os agricultores começaram a desistir durante o processo de regulamentação da empresa. "Mesmo assim, não abandonei a ideia. Levei tudo para Belém e lá comecei a vender produtos de chocolate", relata.

Foi nessa época que ele abriu uma pequena empresa que trabalhava somente com cacau nativo e produzido em comunidades indígenas, caboclas, quilombolas e de agricultura familiar local. Por meio de parcerias, a empresa oferece treinamento para a produção de cacau, da colheita à secagem, passando pelo processo de seleção das frutas e pela fermentação. No interior da Amazônia, a De Mendes busca variedades novas, escondidas na mata, para criar chocolates com sabores diferentes.

▲ No Brasil, há cerca de 103 mil espécies animais e 43 mil vegetais, segundo dados do Ministério do Meio Ambiente, mas essa vantagem comparativa ainda não se tornou uma vantagem competitiva



▲
Chocolates raros da Amazônia, como o Jari, produzido por César de Mendes no Pará, têm chegado a consumidores de Nova York, Frankfurt, Paris e Londres

Durante uma expedição para encontrar frutos, em 2014, César descobriu o cacau do Jari. A viagem até a região, localizada na divisa entre Pará e Amapá, dura três dias inteiros. "Primeiro eu pego um avião, depois carro, barco, carro de novo, barco por mais um trecho e caminho durante um dia a pé no meio da floresta", explica o empresário. A variedade de cacau foi entregue para análise na Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (Ceplac), identificada como inédita e catalogada. Um ano depois, virou chocolate na De Mendes.

O chocolate do Jari já participou de exposições na França, Rússia e Itália. Atualmente, pode ser comprado em São Paulo, no Rio de Janeiro e em Florianópolis, mas também em Nova York, Frankfurt, Paris e Londres. "Nós estávamos tentando imitar o chocolate belga, o francês, o suíço, quando na verdade o consumidor estrangeiro tinha curiosidade em experimentar um chocolate exótico, que fosse só da Amazônia", explica César. Nascido no Amapá, o engenheiro conviveu desde cedo com árvores cacaueiras nos quintais das casas em que morou. O cacau é uma espécie endêmica da Amazônia e da América Central e pode ser encontrado com facilidade na região.

CIÊNCIA VERDE

Negócios como o De Mendes vêm dando impulso à bioeconomia, conjunto de atividades que aliam recursos naturais com tecnologia para responder às novas demandas de conservação ambiental, dos negócios e das relações de consumo. Duas características diferenciam as empresas desse segmento de outros setores. A primeira é o uso da biotecnologia, com conhecimentos científicos de ponta que geram produtividade. A segunda é o uso de uma matriz sustentável a longo prazo, com recursos renováveis e limpos e, sempre que possível, em parceria com comunidades locais.

"A bioeconomia se baseia na ciência e na tecnologia para obter uma série de produtos a partir de matéria-prima de origem

biológica, que é renovável", explica Alexandre Alonso, chefe-geral da Embrapa Agroenergia. Segundo ele, o conceito abrange biocombustíveis, produtos químicos de base biológica, cosméticos, fibras, bioplásticos e alimentos. "Com isso, podemos fazer uma substituição dos produtos visando a uma economia de baixo carbono usando a matéria-prima e a tecnologia adequadas", diz.

RECICLAGEM

Foi esse conceito que motivou a empresária Magda Cristina Gomes, diretora do Grupo da Família, que atua em Palmas com reciclagem de produtos plásticos. A empresa está há 26 anos no mercado, mas em 2015 fez um importante ajuste em sua produção quando começou a reciclar sua própria matéria-prima para a produção de cordas. Só então, atingiu a marca de 125 toneladas produzidas ao ano. "Nossa empresa recicla embalagens plásticas e faz com que esse material volte ao processo produtivo. Produzimos cordas para varal, cordas para redes de futebol, vôlei e futsal, cordas para redes de pesca e cordas para vigo de estofados", conta a empresária.

Para produzir cordas 100% recicladas, a fábrica utiliza embalagens de PEAD (Polietileno de Alta Densidade), encontradas facilmente no ambiente doméstico, como em embalagens de detergente, amaciante, água sanitária, shampoo, condicionador e higiene pessoal. É também comumente utilizado nas embalagens de fertilizantes foliares. A indústria contribui para o sustento indireto de cerca de 100 pessoas, pois adquire materiais de PEAD de cooperativas, associações e catadores informais. "Ao invés de utilizarmos aquela matéria-prima virgem extraída do petróleo, nós utilizamos uma outra opção sustentável que é a reciclagem", explica a diretora da empresa.

Também do Tocantins, a Neogyp é uma startup que desenvolveu tecnologia para produção de tijolos de gesso ultrarresistentes a partir de sobras de gesso ou de gesso mineral. Franknei Santos de Souza, cofundador da empresa, explica que o sistema desenvolvido utiliza tecnologia de base científica que consiste em alvenaria modular e estrutural de gesso de alta resistência mecânica e à umidade. "Ela foi desenvolvida inicialmente pela Universidade de São Paulo (USP), em parceria com a Universidade Federal de São Carlos, nos departamentos de física e química", conta Souza.

Segundo ele, essa tecnologia teve uma nova etapa de evolução há quase 20 anos. "Por volta de 2003, nos associamos ao inventor e transformamos essa tecnologia em um produto comercial. Produzimos o equipamento e confeccionamos tudo de forma personalizada para transformar o material em alvenaria, que pode ser usada para construir casas e prédios", afirma o empresário. Um dos primeiros projetos foi a construção de uma sala de aula para ensino a distância do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) na cidade de Gurupi (TO). "O reaproveitamento evitou desperdício de material e reduziu muito os restos de obra", lembra o empreendedor.

Por meio do reaproveitamento de resíduos de gesso, diz Souza, a empresa busca oferecer edificações com eficiência no processo construtivo com potencial de transformar e criar uma nova matriz sustentável para a cadeia de valor da construção civil. Ele considera importante buscar novas tecnologias para a indústria da construção civil, principalmente com o reaproveitamento de materiais que podem ser usados no processo de construção. "Há barreiras tecnológicas e culturais, mas temos conseguido alguns avanços nos últimos anos", afirma.

Há 18 anos no mercado, a Plastibras, de Cuiabá, surgiu como solução para o destino adequado de embalagens de defensivos agrícolas oriundos das plantações de soja em Mato Grosso, conta o proprietário Adilson Valera. "As embalagens utilizadas nas lavouras retornam num processo de logística reversa até a unidade de fabricação. Essas embalagens chegam prensadas

e aqui na empresa nós as processamos, fazemos a resina e produzimos eletrodutos corrugados de drenos de 20 até 200 milímetros", explica Valera, também diretor da Federação da Indústria do Estado de Mato Grosso (Fiemt), onde integra o Conselho de Meio Ambiente.

"A nossa estação de tratamento de afluentes é um sistema de circulação fechada, então é sempre reúso de água; vai e volta, não tem esgoto. Toda água do resíduo é tratada. A sobra da estação de tratamento de afluentes é mandada para incineração", diz o empresário. O processo começa com o agricultor fazendo a lavagem das embalagens e entregando o material numa central de recolhimento próxima da propriedade. Após isso, o material é separado, prensado e entregue na Plastibras. Segundo ele, a empresa transforma em produtos finais cerca de 4 mil toneladas de material reciclável por ano.

BIODIVERSIDADE BRASILEIRA

Davi Bomtempo, gerente-executivo de Meio Ambiente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), ressalta que o Brasil tem algumas vantagens comparativas para promover a bioeconomia. O país tem 20% da biodiversidade mundial – sendo 15% só na Amazônia –, produção de biomassa a baixo custo, grande quantidade de mão de obra e grande quantidade de área cultivável. "Cerca de 40% da economia mundial são baseados em produtos da biodiversidade que o Brasil tem. Temos experiências bem-sucedidas na área de bioenergia e biocombustíveis, a exemplo do etanol e do biodiesel. Precisamos transformar essas vantagens comparativas em vantagens competitivas", defende ele.

Dados do Ministério do Meio Ambiente mostram que a biodiversidade do Brasil é a maior do mundo. A variedade de espécies que se encontram no país inclui cerca de 103 mil espécies animais e 43 mil vegetais, distribuídas em seis biomas terrestres e três ecossistemas marinhos. Conforme dados do Ministério do Meio Ambiente, 20% do número total de espécies do planeta podem ser encontradas no Brasil. No mundo, o modelo de produção industrial baseado no uso sustentável de recursos biológicos movimenta cerca de € 2 trilhões e gera cerca de 22 milhões de empregos, segundo dados da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE).

Doutora em gestão da Inovação em Biotecnologia pela Universidade Federal do Amazonas, Katia Andrade Barroncas afirma que "o potencial da biodiversidade é incontestável, porém ainda temos muito a avançar para aproveitarmos isso de maneira mais efetiva e sustentável na geração de riqueza, de postos de trabalho e de renda para a população brasileira". Segundo ela, o sucesso da bioeconomia "não depende apenas do processo produtivo das empresas, mas abrange externalidades que envolvem políticas públicas, instrumentos e articulação que possam fazer os desdobramentos necessários para superar os desafios que o país tem".

No caso do Parque Industrial de Manaus (PIM), diz ela, a dependência de insumos importados pelas indústrias instaladas, hoje de cerca de 65%, poderia ser minimizada com um maior aproveitamento dos insumos regionais e nacionais nos processos produtivos. Um exemplo seria a utilização de biopolímeros na manufatura, em substituição ao plástico tradicional. "O grande desafio dos biopolímeros, entretanto, é que eles ainda são pouco comercializados no mundo, o que deixa o valor do custo de produção de duas a três vezes maior do que o do plástico convencional", compara a pesquisadora.

Katia Barroncas diz que o parque industrial manauara já vem usando, entretanto, a fibra de açaí na fabricação de selas de motocicletas, por exemplo. "Temos um enorme potencial e um mercado crescente para a utilização de fitoterápicos e fitocosméticos em escala industrial. O desafio é garantir a disponibilidade do bioativo em quantidade e qualidade para a produção em escala e o uso de tecnologia para o beneficiamento localmente. Não se pode falar em uma matriz bioeconômica

Fonte: A bioeconomia brasileira em números – Bioeconomia BNDES Setorial 47, p. 277-332

Bioeconomia movimenta US$ 326 bilhões no Brasil

Veja a participação por setor econômico

Agropecuário **53%**

Fabricação de produtos alimentícios, bebidas e produtos do tabaco **20%**

Outros setores localizados no exterior **12%**

Demais setores no Brasil **15%**

sem o desenvolvimento qualificado da cadeia produtiva para garantir a agregação de valor e a sustentabilidade do fornecimento", argumenta ela.

Para a pesquisadora Luciana Fonseca Moreira, mestre em Agronegócios pela Fundação Getúlio Vargas de São Paulo (FGV-SP), "o Brasil possui esse diferencial comparativo em relação a diversos outros países, que é a exuberância da biodiversidade, além do agronegócio que já está muito bem estruturado". Essa seria, segundo ela, a base para fazer o bom uso racional e sustentável e agregar valor. "O cupuaçu e o babaçu são exemplos dessa biodiversidade que podem gerar matéria-prima não só para a indústria de cosméticos, mas também para outros segmentos industriais que precisam de derivados desses produtos. Já existem algumas aplicações, mas ainda muito tímidas perto do potencial que o país possui", avalia Luciana.

"Essa biodiversidade é uma riqueza que o país já possui e que pode trazer um impacto financeiro significativo para o nosso PIB. O Brasil, hoje, é um grande exportador de commodities e importador de muitas coisas, como produtos químicos, que poderiam ser produzidos aqui de forma sustentável e utilizando recursos renováveis", diz ela, autora da dissertação *Do campo para a Indústria Química: Oportunidades para o Brasil na bioeconomia mundial*, defendida em 2019.

"Precisamos aproveitar esse momento e construir as bases para avançar, já que o Brasil é dos países com maior potencial nessa agenda", afirma o presidente da CNI, Robson Braga de Andrade. "Entre as questões mais urgentes estão a construção de uma estrutura de governança, liderada pelo governo com apoio da indústria e da academia, e a elaboração de uma política nacional de bioeconomia", ressalta

Robson Andrade. Para ele, "essa estrutura deve ter como prioridade a expansão do sistema de inovação voltado à cadeia da biotecnologia, com foco em produtos de maior valor agregado".

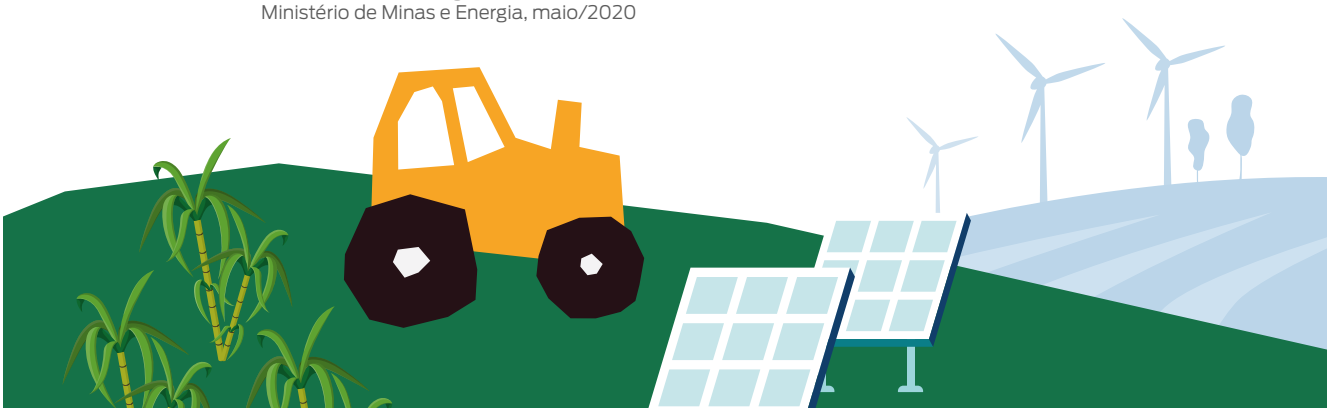
Divulgado em 2018 pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), o estudo *A bioeconomia brasileira em números* mostra que esse modelo de desenvolvimento, cujo valor de vendas foi de US$ 326 bilhões no país em 2016, deverá permitir a redução da poluição, das emissões de gases do efeito estufa e do desperdício da água, preservando a biodiversidade. Deve, ainda, buscar um sistema econômico mais sustentável, capaz de garantir produção e consumo mais limpos e mais seguros, com base na inovação em tecnologias, por meio da redução, reutilização ou reciclagem dos recursos econômicos.

Um caminho para dar mais agilidade à agenda de bioeconomia no país, segundo o documento, seria destinar parte dos investimentos de pesquisa, desenvolvimento e inovação em cadeias já consolidadas no Brasil, como a de produtos a partir da cana-de-açúcar, do etanol e os de base florestal,

Saiba quais são as fontes renováveis de energia no Brasil

Etanol e bagaço de cana	39%
Hidráulica	27%
Lenha e carvão vegetal	19%
Biodiesel	4%
Eólica	4%
Solar	0,4%
Outros	8%

Fonte: Resenha Energética Brasileira – Ministério de Minas e Energia, maio/2020



como papel e celulose, nas quais o país é dos maiores produtores mundiais. Entretanto, a bioeconomia traz outros atrativos, como a valorização da marca da biodiversidade brasileira e a contribuição com a imagem internacional do país.

BELEZA E CUIDADO

Na indústria de cosméticos, um exemplo é a Natura, uma das maiores no mundo dentro do emergente mercado da bioeconomia de alto valor agregado. Desde 2000, a empresa concebe produtos que se diferenciam pelo uso sustentável dos ativos da biodiversidade brasileira. A Natura busca unir, numa mesma cadeia produtiva, a bioeconomia, a biodiversidade e o conhecimento tradicional das comunidades da Amazônia, que estão na matriz de pesquisas de inovação feitas pela empresa em plena floresta.

Usar produtos da Amazônica é também a base dos negócios da Natex, que produz preservativos masculinos a partir do látex extraído de seringais no Acre. Com 103 trabalhadores diretamente contratados e 750 famílias cadastradas para o fornecimento do látex, a empresa produz, mensalmente, cerca de 5 milhões de unidades, vendidas integralmente para o Ministério da Saúde, segundo Emerson Feitoza da Silva, um dos sócios e presidente da indústria, que tem sede em Xapuri e atualmente funciona no formato de Parceria Público Privada (PPP).

"Hoje estamos buscando, junto aos órgãos de controle, a regularização da linha comercial para poder exportar e comercializar nossos preservativos. Atualmente nosso preservativo ainda é de exclusividade do Ministério da Saúde", diz Emerson Silva. A empresa aguarda a obtenção de licenças de produção comercial para aumentar sua produção mensal em cerca de 3 milhões de unidades. "Teremos de buscar mercado, mas já temos pré-contratos para distribuição de preservativos nas Regiões Norte e Nordeste", conta o empreendedor, entusiasmado com os novos passos rumo a uma nova e mais sustentável forma de produzir.

A bioeconomia também tem impactos positivos sobre a imagem internacional do Brasil, onde está 20% da biodiversidade mundial

TRANSFORMAÇÃO URBANA

Mudanças rumo à sustentabilidade também estão em curso no meio urbano e ganharam um importante incentivo recente, com a assinatura do Termo de Compromisso da Lata de Alumínio para Bebidas, pelo ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, e pelos presidentes da Associação Brasileira dos Fabricantes de Latas (Abralatas), Cátilo Cândido, e da Associação Brasileira do Alumínio (ABAL), Milton Rego.

O acordo adequa o setor à Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) e aperfeiçoa o sistema de logística reversa da lata, que promete manter muito elevado o índice de reciclagem da lata no Brasil, hoje em 95%. São mais de 350 mil toneladas de latas, ou quase 30 bilhões de unidades, por ano, que geram renda de aproximadamente R$ 5 bilhões anuais.

Entre os compromissos assumidos pelo setor estão a compra de todo o volume de sucata de lata disponível no mercado doméstico, a facilitação do trabalho das cooperativas de catadores de materiais recicláveis e o apoio técnico tanto aos gestores públicos municipais e quanto aos catadores. ■

A bioeconomia na prática

As **etapas de produção**, passo a passo, numa fábrica de etanol

1 A principal matéria-prima usada na produção do etanol brasileiro é a cana-de-açúcar, que, quando chega às usinas em **caminhões,** passa por um processo de **lavagem** para retirar terra, areia e outras impurezas.

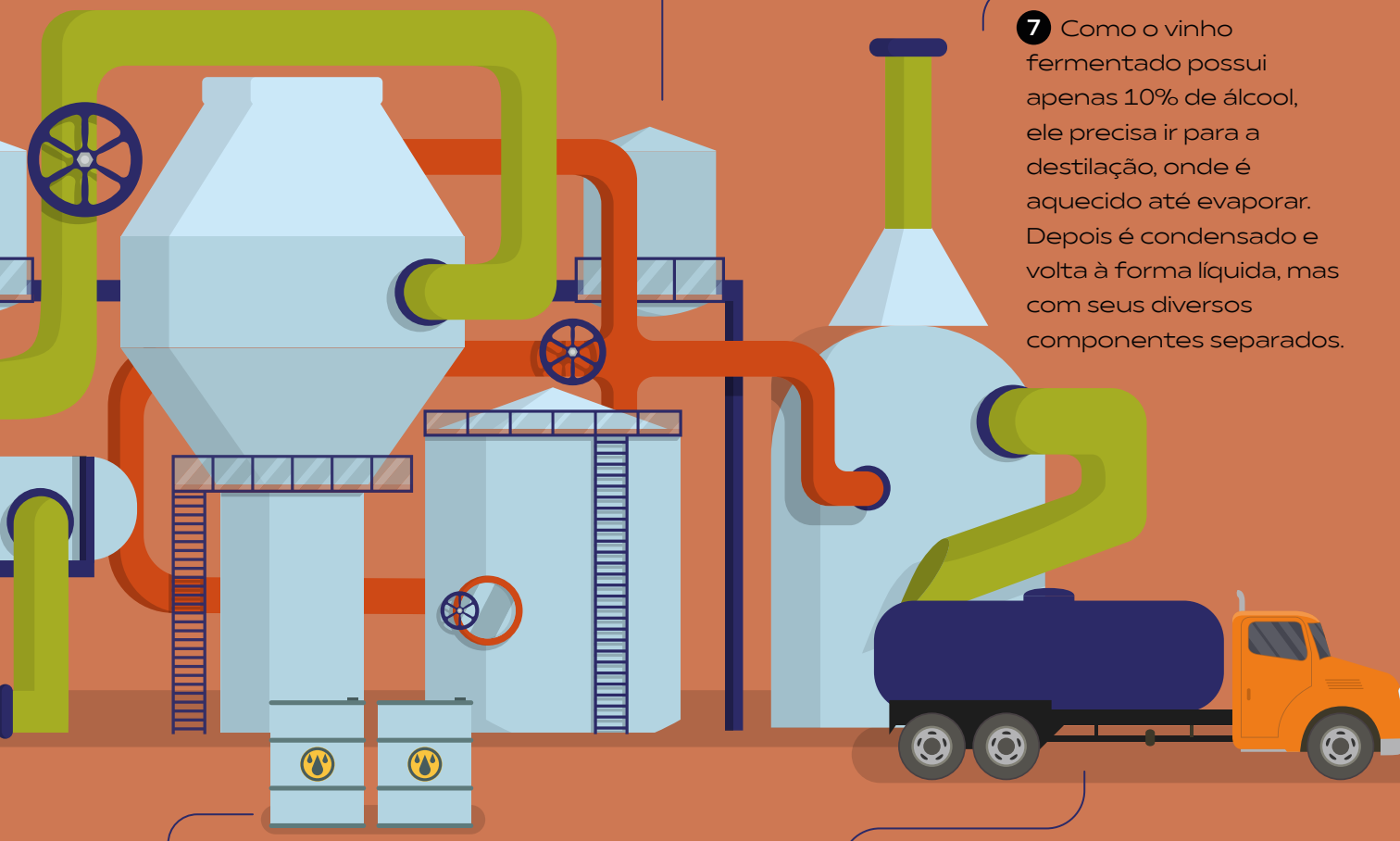
3 Após moído e peneirado, o caldo segue para descansar em um tanque, quando, aos poucos, as impurezas se depositam no fundo, formando um lodo que serve como **adubo.**

2 Depois da lavagem, a cana é picada em pequenos pedaços para facilitar a **moagem** por rolos trituradores. Após a moagem, cerca de 70% da cana vira caldo, no qual está o açúcar de onde se extrai o etanol. Os 30% restantes são bagaços usados na geração de energia para a usina.

4 Limpo, esse caldo é aquecido para ser esterilizado e depois é levado para novos tanques e misturado com um fermento específico.

5 Os microrganismos presentes no fermento se alimentam do açúcar do caldo, liberando em seguida gás carbônico e álcool.

6 As reações químicas provocadas pelo fermento liberam ainda energia, esquentando o material, agora chamado de vinho fermentado, que passa em seguida por um processo de resfriamento com água corrente.

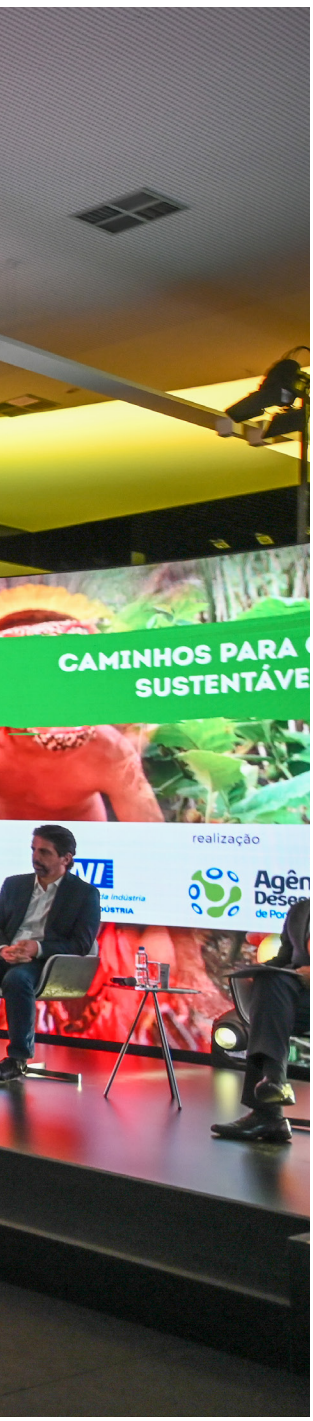


7 Como o vinho fermentado possui apenas 10% de álcool, ele precisa ir para a destilação, onde é aquecido até evaporar. Depois é condensado e volta à forma líquida, mas com seus diversos componentes separados.

8 Da destilação sai o **álcool hidratado**, líquido com 96% de álcool, que depois é vendido nos **postos de combustíveis**. Entretanto, parte dele ainda passa por um processo de desidratação para virar álcool anidro (mais de 99,5% de álcool), que é misturado à gasolina como aditivo.

9 Os dois tipos de etanol produzidos – o hidratado e o anidro – são armazenados em grandes tanques até serem retirados pelos **caminhões-tanques** para serem comercializados.

▲ Dirigentes da indústria e especialistas nacionais e internacionais discutiram, entre os dias 4 e 6 de novembro, diagnósticos e rotas sustentáveis para o progresso econômico da região amazônica, onde vivem 23 milhões de brasileiros



Rumo a um novo Norte

FÓRUM MUNDIAL APONTA CAMINHOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA REGIÃO E SUGERE QUE PAÍS SEJA LIDERANÇA GLOBAL EM BIOTECNOLOGIA

Os investimentos em inovação tecnológica e em educação podem ajudar no desenvolvimento sustentável da região Amazônica nos próximos anos, avalia Soumitra Dutta, professor da Universidade de Cornell. A experiência de países como Finlândia, Singapura, Coreia do Sul e Israel podem servir de referência para o Brasil, diz Dutta, que participou, em 4 de novembro, do primeiro dia do *Fórum Mundial Amazônia+21*. O evento foi organizado pela Federação das Indústrias do Estado de Rondônia (FIERO), com apoio da Confederação Nacional da Indústria (CNI), da Agência de Desenvolvimento de Porto Velho, da Prefeitura Municipal de Porto Velho e da Superintendência Estadual de Desenvolvimento Econômico e Infraestrutura de Rondônia.

Para Soumitra Dutta, a inovação é um eixo fundamental para o desenvolvimento e deve ser apoiada pelas políticas públicas e privadas. “O centro da inovação está nas pessoas e a educação é fundamental para isso”, disse o pesquisador indiano, que falou diretamente de Nova York sobre os desafios do Brasil e do mundo. Segundo ele, os países devem fazer suas escolhas. “Não se pode ser líder em tudo. É necessário focar nas escolhas, que naturalmente são biotecnologia e sustentabilidade”, afirmou. Realizado entre os dias 4 e 6 de novembro, o evento buscou mapear perspectivas e soluções para temas relacionados ao desenvolvimento da região e à melhoria da qualidade de vida dos mais de 23 milhões de cidadãos que vivem na Amazônia Legal.

Na abertura do evento, o presidente da CNI, Robson Braga Andrade, afirmou que “os desafios são enormes, mas precisamos fazer as escolhas certas. O Brasil pode ser líder mundial da bioeconomia e isso tem que ser feito com atenção às particularidades da

Assista no YouTube ao primeiro dia do evento.

▸ "Não se pode ser líder em tudo. É necessário focar nas escolhas, que (no caso do Brasil) naturalmente são biotecnologia e sustentabilidade", disse Soumitra Dutta, professor da Universidade de Cornell, no primeiro dia do evento

região, envolvendo floresta, agropecuária, grandes centros urbanos e pequenas comunidades num contexto de regularização e segurança jurídica que atrairá negócios e investimentos. Temos que fazer isso enquanto combatemos o desmatamento ilegal e controlamos as queimadas. Isso vai fortalecer a imagem externa do Brasil".

O ministro da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI), Marcos Pontes, acredita que o país está diante de um desafio grande que envolve articulação e sinergia não só do governo, mas também das instituições científicas e da iniciativa privada. Pontes defendeu a consolidação de um banco de dados que possa, também, ser compartilhado com outros órgãos internacionais e, assim, criar uma ampla rede de monitoramento e estudo dos biomas e das mudanças climáticas.

POLÍTICAS REGIONAIS

Num outro painel, também no primeiro dia do evento, Leandro Moreira Dill, da Fundação de Amparo ao Desenvolvimento das Ações Científicas e Tecnológicas e à Pesquisa de Rondônia (Fapero), destacou a necessidade de novas tecnologias poderem ser transformadas em novos negócios, mais sustentáveis e mais adequados às especificidades da Amazônia. "Quando comparamos o que há de políticas regionais e o que dizem as políticas nacionais de ciência e inovação, vemos que há muitos desencontros e os pesquisadores da região têm dificuldade de acesso a recursos federais para promover pesquisa de ponta", avaliou Dill.

Tornar sustentável toda a cadeia dos negócios na Amazônia foi um dos desafios debatidos no segundo dia do *Fórum Amazônia+21*. Outro tema discutido foi a comunicação aos mercados sobre os produtos da floresta, como as castanhas e o açaí, e seus valores social e ambiental, que precisam ser reconhecidos pelos consumidores. "Temos que reposicionar a castanha brasileira no mercado externo e fazer com que ela seja entendida como um produto da floresta, valorizado pelo consumidor", disse Vitoria Mutran, da Mutran Exportadora.

Na avaliação do empresário José Alexandre Da Lamarta, CEO da empresa Inovam Brasil Importação e Exportação, de beneficiamento de castanhas, trabalhar com produtos da Amazônia é um desafio.

Assista no YouTube ao segundo dia do evento.

Segundo ele, a logística complexa e vários outros fatores tornam uma atividade produtiva na Amazônia mais desafiadora, mas vale a pena. "Os trabalhos da empresa têm alcançado resultados positivos e a bioeconomia trouxe inovação. Nossa indústria se modernizou e buscou acabar com o desperdício. Devemos quebrar barreiras, compartilhar e atuar de forma transparente".

O cientista e consultor Carlos Nobre afirmou, em painel no segundo dia do evento, que o Brasil pode ocupar um lugar de liderança positiva no mundo se abraçar a bioeconomia como setor econômico que leve o país a outro patamar de desenvolvimento. "O Brasil tem tudo para se tornar a primeira potência mundial da biodiversidade", afirmou Nobre, um dos maiores especialistas em mudanças climáticas do mundo e um dos formuladores do conceito de Amazônia 4.0, iniciativa que promove a industrialização dos chamados bioativos disponíveis no bioma. A meta é gerar empregos, renda para a população local e um incentivo para a manutenção da floresta de pé.

O projeto-piloto coordenado pelo cientista será implementado em 2021 no município de Belterra, ao sul de Santarém, no Pará. Em parceria com a Associação das Mulheres Produtoras de Cupuaçu, a iniciativa vai capacitar empreendedoras para industrializar produtos a partir do cupuaçu e do cacau. "Estamos falando em chocolates de altíssima qualidade e vários produtos do cupuaçu. Vamos levar uma minibiofábrica super moderna, usando tecnologias muito avançadas, mas ao mesmo tempo baratas, abertas e fáceis de aprender", planeja Nobre.

Em painel no último dia do evento, o presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Gustavo Montezano, afirmou que a pauta ambiental é hoje "global e prioritária", e reconheceu que a instituição tem um papel fundamental no estabelecimento da comunicação entre os setores financeiros doméstico e internacional. "A Amazônia é prioridade porque o mundo acordou para esta região rica em diversidade", disse. Segundo dados apresentados pelo dirigente, o *Fundo Amazônia*, criado em 2008 pelo banco, já desembolsou, neste ano, R$ 100 milhões em projetos para ações de prevenção, monitoramento, conservação e combate ao desmatamento na Floresta Amazônica.

◂ Marcelo Thomé, presidente da FIERO e coordenador do Fórum, diz que o evento permitiu que a Amazônia seja "revisitada" e mostre seu "potencial econômico extraordinário"

MICRO E PEQUENOS NEGÓCIOS

Montezano indicou, ainda, que a atuação do BNDES também está orientada aos micro e pequenos negócios na região. Para agilizar o processo de concessão de crédito, o banco tem utilizado ferramentas como a conectividade digital e a garantia de crédito. O executivo afirmou que o BNDES tem participado de articulações com investidores nacionais e internacionais para levar empresas para a Amazônia, com projetos baseados na economia sustentável.

O *Fórum Amazônia+21* é uma iniciativa para mapear perspectivas e buscar soluções para temas relacionados ao desenvolvimento da região e à melhoria da qualidade de vida dos mais de 20 milhões de cidadãos que vivem na Amazônia Legal.

Para Marcelo Thomé, presidente da FIERO e coordenador do Fórum, o evento foi importante para que a Amazônia seja "revisitada a partir de um novo olhar que reconheça o potencial econômico extraordinário que possui". Segundo ele, "por meio da ciência e da inovação será possível, de maneira sustentável, explorar, desenvolver e gerar bons empregos, renda e prosperidade não só para a região amazônica, mas para todo o Brasil". ■

▲
Até o fim deste ano, 300 inventários devem estar disponíveis, diz Thiago Oliveira

O sequenciamento do DNA produtivo

ESPECIALISTA EXPLICA COMO FUNCIONA O BANCO DE DADOS DO CICLO DE VIDA DOS PRODUTOS BRASILEIROS, QUE JÁ TEM INFORMAÇÕES PARA AS INDÚSTRIAS TÊXTIL, DA CONSTRUÇÃO E DO PLÁSTICO

A transparência nas informações sobre o ciclo de vida vai aumentar a competitividade dos produtos brasileiros, afirma Thiago Oliveira Rodrigues, especialista em Avaliação do Ciclo de Vida (ACV) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict). "Hoje em dia, transparência é moeda quando se está trabalhando a questão da sustentabilidade. Quem declara abertamente seu perfil ambiental, pontos críticos ou não, normalmente tem vantagens competitivas", diz Rodrigues, que é engenheiro florestal pela Universidade de Brasília (UnB). O Banco Nacional de Inventários do Ciclo de Vida de Produtos Brasileiros (SICV Brasil) foi criado para centralizar dados sobre o processo produtivo e sua relação com o meio ambiente no Brasil, num trabalho que se vincula a redes de dados de outros países também.

Como funciona o Banco Nacional de Inventários do Ciclo de Vida de Produtos Brasileiros? É uma espécie de levantamento, um raio-x de um produto, sistema ou projeto, de tudo que entra e sai para obtenção daquele produto. O etanol, por exemplo: para se ter um litro de etanol, temos que ir desde a fase agrícola, do preparo do solo, trator, diesel sendo consumido por esse trator. Você faz o plantio e tem a manutenção desse plantio onde entram pesticidas, fertilizantes, irrigação e colheita mecanizada. A cana vai para as usinas para ser processada, o caldo será extraído, vai passar por um processo de fermentação até chegar no etanol propriamente dito.

O processo é tão minucioso assim? Sim, cada fase vai ter suas entradas e saídas que se referem a substâncias obtidas de outras cadeias produtivas. Por exemplo, no preparo do solo, você vai

precisar de um trator que precisa de diesel. Esse diesel vem lá da cadeia produtiva do diesel. Cada uma dessas coisas tem sua própria carga ambiental, emissões para o ar, consumo de matéria-prima, emissões para corpos hídricos e para o próprio solo. Isso gera impactos ambientais. Os inventários trazem o perfil ambiental dos produtos. Assim, você consegue trazer mais transparência do ponto de vista socioambiental e tomar decisões melhores.

Ele permite uma rastreabilidade do processo de produção daquele material? Exatamente. O sujeito lá na Europa ou na China está criando suínos e quer mostrar que esses animais estão sendo alimentados com uma soja sustentável do Brasil. Ele consegue ver o perfil ambiental pelo Banco Nacional de Inventários. Mais uma vez, aquela informação não vai atestar que o porco chinês é mais sustentável, mas há transparência. Hoje em dia, transparência é moeda quando se está trabalhando a questão da sustentabilidade. Quem declara abertamente seu perfil ambiental, pontos críticos ou não, normalmente tem vantagens competitivas. O próprio SICV Brasil nasceu de um projeto para incrementar vantagem competitiva na indústria brasileira, entendendo que, no mercado global, se não há transparência em relação ao desempenho ambiental de seus produtos, você fica de fora. Quem ganha as concorrências, principalmente no mercado europeu, é quem é transparente e quem consegue provar que tem melhor desempenho.

Qual a vantagem desse Banco de Ciclo de Vidas para a indústria brasileira? A indústria pode se beneficiar de algumas maneiras, inclusive pelo próprio acesso ao inventário de um produto, que é insumo para ela. Por exemplo, a indústria florestal trabalha com painéis e precisa saber o desempenho ambiental do painel que está comercializando. Se ela for fazer o inventário desde a fase agrícola, vai ter custo e o processo será mais lento. Se o inventário já estiver disponível no Banco, ele traz isso para análise a partir do acesso no banco. A parte de campo fica sanada, sem necessidade de levantar o dado. A questão do custo financeiro e do tempo é eliminada. Para quem está com o inventário lá, eles podem gerar estudos. O inventário é uma das fases da avaliação de ciclos de vida, é a técnica, o método que usamos para de fato atestar o desempenho ambiental. Esse inventário pode entrar numa pesquisa completa e gerar as declarações ambientais de produto, que é uma outra forma de mostrar seu desempenho ambiental.

Quantos produtos estão cadastrados no Banco de Ciclo de Vida? A gente tem 22 produtos neste momento, mas temos na porta de entrada algumas centenas. Esses 22 vieram de um workshop que foi feito em 2015, quando começamos a estruturar o Banco Nacional e alguns inventários foram adaptados de uma base internacional para a realidade brasileira. Em 2017, houve um projeto chamado *The Sustainable Recycling Industries Programme* (SRI), com recursos suíços que financiaram o desenvolvimento de inventários de produtos brasileiros e algumas instituições participaram. Até o final do ano, deveremos estar com 300 inventários disponíveis, sendo a maioria de produtos da cadeia agrícola por causa de terem sido desenvolvidos pela Embrapa.

Nos registros do banco, quais são os de produtos industriais? Desses 22, temos cimento, pluma de algodão, que vai para toda cadeia têxtil, eletricidade, painéis de madeira, sete inventários da cadeia de processos do plástico, óleo de soja e proteína e cinco inventários de produção da soja regional. Vamos ainda subir 45 inventários da construção civil, como cimento, brita e areia. ■

Indústria e

DESAFIO SESI DE ROBÓTICA SOBRE VOLTA ÀS AULAS COM SEGURANÇA

Depois do sucesso do *Torneio SESI de Robótica – Desafio Covid-19,* o Serviço Social da Indústria (SESI) decidiu lançar uma nova competição: o *Desafio Volta às Aulas*. O torneio busca soluções criativas para manter a segurança dos alunos, dos professores e da comunidade escolar na retomada das aulas presenciais. As equipes devem ter entre quatro e 10 estudantes, com idades entre 9 e 18 anos, além de um técnico com mais de 18 anos. Os vencedores serão conhecidos em dezembro. Ao todo, sete equipes serão premiadas.

INDÚSTRIA PEDE REFORMA TRIBUTÁRIA E PRIVATIZAÇÕES

Em um debate promovido pela CNI em parceria com a revista *Exame,* no dia 22 de outubro, o presidente da entidade, Robson Braga de Andrade, ressaltou que a reforma tributária é fundamental para estimular o crescimento da economia no pós-pandemia. Ele também defendeu a necessidade de o governo atrair novos investimentos por meio de privatizações. O líder do governo na Câmara, deputado Ricardo Barros (PP-PR), afirmou não ter dúvidas de que as reformas tributária e administrativa serão aprovadas no Congresso.

m Ação

SENAI PROJETA SURGIMENTO DE NOVAS PROFISSÕES PÓS-PANDEMIA

A pandemia de Covid-19 acelerou tendências no mercado de trabalho e, de acordo com projeção feita pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), a previsão é que surjam, nos próximos cinco anos, novas profissões, principalmente relacionadas a tecnologia e inovação. Entre as novas ocupações estão: analista de soluções de alta conectividade, especialista em logística 4.0, especialista em realidade virtual e aumentada, orientador para trabalho remoto e desenvolvedor de aulas para educação a distância e online.

NOVA PLATAFORMA AUMENTA EMISSÃO DE CERTIFICADOS PARA EXPORTAÇÃO

O número de certificados para exportação emitidos pela Rede Brasileira de Centros Internacionais de Negócios (Rede CIN) cresceu 9% neste ano, apesar da crise econômica gerada pelo coronavírus. Para a Confederação Nacional da Indústria (CNI), o aumento está ligado ao lançamento, em maio, de uma nova plataforma que tornou o processo ainda mais ágil, além da ampliação do uso do documento digital no comércio com mercados regionais relevantes, como o Paraguai. O documento garante diversos benefícios a exportadores.

MAIOR CUIDADO COM A SAÚDE É LEGADO DA PANDEMIA

Segundo o diretor-superintendente do Serviço Social da Indústria (SESI), Rafael Lucchesi, um dos grandes legados da pandemia é a maior atenção à saúde. Durante um bate-papo virtual organizado em parceria com a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS), Lucchesi apontou que a pauta de saúde empresarial ultrapassou aspectos de saúde ocupacional e que questões de saúde mental, por exemplo, ganharam relevância. O SESI e a CNI coordenam o grupo de trabalho que debate a qualidade da assistência em saúde no Brasil.

A liquidez de volta

PROGRAMAS EMERGENCIAIS DE CRÉDITO, COMO O PRONAMPE, DESTRAVAM EMPRÉSTIMOS CRUCIAIS PARA A SOBREVIVÊNCIA DE EMPRESAS NA PANDEMIA

Embora o céu de brigadeiro ainda esteja um pouco distante, a turbulência financeira enfrentada pelo setor produtivo nos primeiros meses da pandemia de Covid-19 começa a se dissipar e já dá sinais de que o retorno à normalidade pode acontecer antes do previsto no início da crise.

Ferramentas essenciais para atenuar os impactos financeiros junto às empresas, as linhas de crédito estabelecidas pelo governo chegaram ao terceiro trimestre do ano com resultados expressivos, como explica o presidente da Federação Brasileira de Bancos (Febraban), Isaac Sidney: "os programas do governo, em especial o Pronampe e o FGI, são um sucesso, com desembolsos que chegaram a R$ 100 bilhões". O Pronampe é o Programa Nacional de Apoio às Microempresas e Empresas de Pequeno Porte, e o FGI é o Fundo Garantidor de Investimento.

Ainda assim, como a pandemia tem se prolongado mais do que o imaginado e os prejuízos econômicos não serão recuperados tão rapidamente, a Confederação Nacional da Indústria (CNI) propôs ao governo federal e ao Congresso Nacional algumas medidas que considera essenciais para uma retomada econômica mais vigorosa da atividade produtiva. Entre elas está a manutenção dos programas de crédito emergenciais, como o Programa de Emergencial de Acesso ao Crédito (Peac), o Programa Emergencial de Suporte a Empregos (PESE) e o próprio Pronampe, até, pelo menos, junho de 2021.

Para a instituição, ainda que a atividade econômica tenha sido retomada, os impactos financeiros da pandemia serão mais duradouros. As empresas vão continuar necessitando de capital de giro para evitar a insolvência e manter os compromissos com clientes, bem como evitar demissões, durante a transição para a retomada.

Como explica o gerente de Política Econômica da CNI, Mário Sérgio Carraro, é preciso manter as empresas em funcionamento e potencializar a recuperação da economia. "As operações de

▲
Insistência de entidades como a CNI na revisão de medidas financeiras contra os efeitos econômicos da Covid-19 ajudou a liberar empréstimos que já somam R$ 100 bilhões

▸ Medidas precisam permanecer em 2021, diz Natel Moraes (Anicer), que ainda vê dificuldades em muitas empresas na área de cerâmica

crédito estão ajudando a garantir uma recuperação mais rápida da economia e continuarão sendo essenciais no primeiro semestre de 2021", diz.

Sócio e economista-chefe da empresa de investimentos e gestão TCP Partners, Ricardo Jacomassi concorda que as linhas de crédito foram e são fundamentais para sustentar a economia neste período de crise. Para ele, a extensão para junho de 2021 será importante principalmente para as pequenas e médias empresas.

REALIDADE DA PONTA

Com 6.903 fábricas em todo o país e responsável pela geração de 293 mil empregos diretos, além de 900 mil indiretos, a indústria de cerâmica vermelha está entre os segmentos do setor produtivo que defende a prorrogação dos programas de crédito emergenciais do governo federal.

Como ressalta Natel Moraes, presidente da Associação Nacional da Indústria Cerâmica (Anicer), essa ampliação consiste em uma necessidade. "A pandemia não passou e muitos empresários ainda não tiveram acesso ao crédito. Estamos vendo muitas empresas ainda com dificuldade para retomar a sua produção, especialmente devido aos custos terem aumentado em virtude da falta de insumos", justifica.

Para garantir a continuidade dos programas, a CNI defende que o Tesouro Nacional faça aportes adicionais, ainda em 2020, naqueles que apresentarem escassez de recursos para as operações.

Essa medida, contudo, não significa necessariamente maior investimento por parte do governo federal, já que, no pagamento das operações contratadas, a parte da operação que foi garantida retorna para o fundo, permitindo que novas operações sejam garantidas. "Assim, se as operações forem pagas, os recursos colocados pelo governo sequer são utilizados", explica Carraro.

De acordo com o presidente da Febraban, o colapso da atividade econômica ocasionado pela medida de distanciamento social imposta pela pandemia praticamente zerou o fluxo de caixa de muitas empresas, fazendo com que a demanda por crédito crescesse de 5 a 10 vezes mais do que em situações normais.

Só que o acesso aos recursos disponibilizados pelos programas governamentais de crédito emergencial travavam principalmente devido à manutenção da exigência de garantias bancárias, alvo de críticas contundentes do setor empresarial.

A adoção de recursos como os do Fundo Garantidor de Operações (FGO), criado pelo governo federal para avalizar empréstimos do Pronampe, reduziram esses entraves de forma significativa, favorecendo o acesso ao crédito a partir do terceiro trimestre do ano.

O resultado foi visível. "Esses dois fundos proporcionaram liberações muito fortes nessas linhas. As concessões de crédito estão crescendo desde o fim do primeiro semestre. As linhas emergenciais ou esgotaram ou superaram a previsão inicial", comemora o gerente de Política Econômica da CNI. ■

CRÉDITO NO BRASIL

Fonte: Banco Central do Brasil (BCB)

Em setembro de 2020, as concessões totais de crédito no país somaram

R$ 367 bilhões.

A taxa de inadimplência das empresas caiu de **1,8% para 1,5%** de agosto para setembro.

Em 2020, o **aumento da concessão** de crédito em relação a 2019 foi de:

- **24,4%** para as microempresas
- **17%** para as empresas de pequeno porte
- **10,6%** para as empresas de médio porte
- **12,65%** para as empresas de grande porte

"As operações de crédito estão ajudando a garantir uma recuperação mais rápida da economia e continuarão sendo essenciais no primeiro semestre de 2021"

Mário Sérgio Carraro
gerente de Política Econômica da CNI

Reprodução ★ Divulgação/Sesi/Senai/IEL

ENAI aponta desafios e oportunidades

O MAIOR EVENTO DA INDÚSTRIA BRASILEIRA FOI REALIZADO INTEGRALMENTE ONLINE NESTE ANO E REUNIU ESPECIALISTAS PARA DISCUTIR UMA AGENDA DE PRODUTIVIDADE E INTERNACIONALIZAÇÃO

◂ "A pandemia deixou claro que todos os países precisam aumentar sua base produtiva", disse o presidente da CNI, Robson Braga de Andrade, na abertura do evento que contou com 12 palestrantes e 26 debatedores

Como tornar a indústria brasileira mais competitiva para impulsionar o crescimento do país? Essa foi a pergunta-tema do 12º Encontro Nacional da Indústria (ENAI), realizado nos dias 17 e 18 de novembro pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), com correalização do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) e do Serviço Social da Indústria (SESI).

O maior evento da indústria nacional, que acontece a cada dois anos, foi realizado pela primeira vez integralmente na modalidade online neste ano, para assegurar o distanciamento social durante a pandemia. O encontro contou com 12 palestrantes e 26 debatedores de todo o Brasil, que trataram de questões emergenciais e estratégias de longo prazo.

Os painéis e as palestras trataram, por exemplo, da urgência da reforma tributária, da nova estratégia de política industrial, da inserção internacional das empresas, de oportunidades da economia circular, da sustentabilidade na indústria,

Saiba mais sobre o evento

▲ "Uma crise é uma oportunidade de se redefinir", disse o futurista alemão Gerd Leonhard, na palestra magna do evento

da busca da eficiência do Estado e dos desafios para a indústria 4.0.

Na abertura, o presidente da CNI, Robson Braga de Andrade, ressaltou o novo formato do evento, que reflete as adaptações à realidade atual, e lembrou dos aprendizados advindos da crise. "A pandemia deixou claro que todos os países precisam aumentar sua base produtiva. A indústria é capaz de recuperar a economia de um país. É preciso reindustrializar o Brasil, com condições para uma indústria competitiva e inovadora", afirmou.

Segundo o presidente da CNI, é urgente solucionar antigos obstáculos por meio da reforma tributária, tema que permeou todo o evento. "O país não pode mais adiar uma ampla modernização do seu sistema tributário, para que ele se torne simples e eficiente, alinhado com práticas internacionais. A CNI está contribuindo para isso", frisou.

"Em paralelo, devemos acelerar as adaptações para os desafios do século 21, olhando para questões como a mudança climática. Investimento público e privado em ciência, tecnologia e inovação são a chave para desenvolver novos modelos de produção e negócios. Cabe a nós transformar desafios em oportunidades", alertou o presidente da CNI.

Na mesma direção, o gerente da Unidade de Competitividade do Sebrae Nacional, Cesar Rissetti, destacou os impactos da pandemia e as oportunidades que surgiram durante a crise sanitária. "Temos o desafio de aumentar a produtividade e a competitividade, por meio de parcerias, inclusão digital, internacionalização e inclusão das empresas de pequeno porte nas cadeias de valor", disse.

BILHETE PARA O FUTURO

"Uma crise é uma oportunidade de se redefinir", afirmou Gerd Leonhard, autor, futurista e humanista alemão. A mensagem guiou sua palestra magna intitulada "Mudança exponencial – A transformação total dos negócios e da sociedade". Direto de Zurique, na Suíça, onde vive, o CEO da *The Futures Agency* expôs sua visão para um futuro próximo, mostrando quais são as grandes oportunidades para a indústria brasileira e para o Brasil de modo geral.

Gerd Leonhard afirmou que resiliência, solidariedade, criatividade e agilidade são as características necessárias no momento. Otimista, ele acredita que este é "o começo de uma década incrível para o Brasil". "O país vai mudar mais nos próximos 10 anos do que nos últimos 100, mas vocês estão na bifurcação da estrada: é preciso fazer escolhas certas, sem margem para decisões equivocadas", alertou.

Lembrou ainda que a pandemia obrigou empresas a redirecionar negócios para contemplar o uso das tecnologias digitais e, hoje, as que se adaptaram colhem bons frutos. "A Covid-19 acelerou uma série de novos processos e hábitos, a exemplo do trabalho remoto e da intensificação do comércio digital, com pessoas cada vez mais conectadas. São novas

Acesse e assista às palestras do ENAI no YouTube.

narrativas, lógicas e prioridades que vão impactar processos industriais nos próximos 10 anos", analisou.

"Os brasileiros são entusiastas da tecnologia. Constato isso sempre que vou ao país, mas precisamos acreditar na ciência", pontuou, alertando que um dos maiores obstáculos é a desigualdade social do Brasil, "muito séria e que precisa ser enfrentada", segundo ele.

Leonhard prevê que, em 2034, o mundo estará no auge da impressão 3D, da Internet das Coisas, da realidade virtual, da biogenética, de sistemas inteligentes, da conexão total e do negócio verde, focado na sustentabilidade global. Segundo ele, o trabalho humano será concentrado tão somente no que a máquina não pode oferecer, a exemplo de intuição, compaixão, empatia, ética e imaginação. O futuro da indústria, para o palestrante, estará baseado na sustentabilidade da economia circular, ou seja, focado na redução, reutilização, recuperação e reciclagem de materiais e energia.

"A tecnologia reinventa a indústria a todo momento. Empresas já estão falando em adotar novos modelos de energia. Será uma grande mudança na cadeia de suprimentos. Esse é o bilhete para o futuro", apostou.

CASE DE SUCESSO

Além das palestras e painéis, o ENAI reuniu casos de empresas que representam tendências para novos negócios. A empresária Chris Gontijo, proprietária da Chris Gontijo Loungewear, única mulher entre todos os cases de sucesso, falou de sua trajetória na conquista de mercados internacionais.

A empresa, que produz *loungewear* (pijamas e camisolas que podem ser usados também fora de casa), além de lingeries, inovou em diversas frentes. Planejamento e criatividade aliaram-se a peças feitas à mão, duráveis e de alta qualidade, dentro de práticas social e ambientalmente conscientes. "Isso tudo tem valor muito grande no exterior.

A empresa começou de forma tímida, em 2006, com a confecção de lingeries *premium*, até que, em 2016, resolveu inovar ao adotar o conceito de *loungewear*. "Na época, fui chamada de louca, porque era uma inovação grande", brinca. Depois de passar um ano entre cursos e treinamentos, a marca resolveu exportar. Em 2018, veio o primeiro feedback positivo quando um lojista da Dinamarca fez a recompra dos produtos. "Ele se declarou muito satisfeito com todas as etapas da exportação. Para a gente, não existem fronteiras. Vamos enviar nossos produtos para onde tivermos que enviar", afirmou a empresária, confiante.

Apesar do sucesso do negócio, que aumentou suas vendas inclusive durante a pandemia, Chris Gontijo lembra que ainda hoje a situação é difícil para o pequeno empresário que quer exportar. "Nossas barreiras ainda são as burocráticas e tarifárias", lamentou. ■

▸ A empresária Chris Gontijo explicou como lançou uma linha pijamas e camisolas para serem usados fora de casa com o conceito *loungewear*

Um novo gás para competir

LEI SERÁ DECISIVA NO PRÓXIMO CICLO DE CRESCIMENTO E INSERÇÃO GLOBAL DA ECONOMIA BRASILEIRA, DIZ PRESIDENTE-EXECUTIVO DA ABRACE

Paulo Pedrosa é uma das principais lideranças na articulação junto ao Congresso Nacional para que o país destrave sua legislação relativa à produção de gás natural, quebrando o atual monopólio no setor. Nesta entrevista, o dirigente da Associação de Grandes Consumidores Industriais de Energia e Consumidores Livres (Abrace) e ex-secretário executivo do Ministério de Minas e Energia fala sobre suas expectativas para a votação da Lei do Gás no Senado Federal e sobre os impactos das novas regras nos custos de produção e na atividade econômica. "Virá a modernização da produção industrial e um ganho de competitividade que nos permitirá competir nos mercados globais", garante.

Já aprovada na Câmara dos Deputados, a *Nova Lei do Gás* está em tramitação no Senado Federal. Quais são as expectativas em relação a essa votação? A tramitação da Lei do Gás no Congresso reflete as escolhas do Brasil. Assim como fizeram na Câmara, os interesses do passado se articulam para mudar a lógica da proposta de abertura de mercado e fazer do *Novo Mercado do Gás*, que veio para promover a competição e reduzir preços, um veículo para subsídios e com a presença de monopólios ou campeões regionais no mercado. Conseguimos uma surpreendente vitória na Câmara. Agora, de novo com a articulação do governo, vamos confiantes para este novo ciclo no Senado para que a lei seja aprovada ainda este ano. A postergação só interessa aos adversários do novo mercado.

Quais os impactos das novas regras nos custos de produção e na atividade econômica como um todo? Para o Brasil, essa lei tem importância equivalente à do novo marco do saneamento, que demonstrou enorme vitalidade nos primeiros leilões, com ágios que superam em mais de 130 vezes os valores de edital. Além disso, a abertura do mercado de gás sinalizará aos investidores do mundo todo a disposição da nova economia em atrair capitais e promover soluções para um mercado competitivo e sem intervenções governamentais que assustem investidores. Já os efeitos concretos são extraordinários: geração de 4 milhões de empregos e triplicação do consumo de gás, inclusive o industrial, gerando R$ 60 bilhões de investimentos ao ano. Com o gás, virá a modernização da produção industrial e um ganho de competitividade que nos permitirá competir nos mercados globais.

A *Nova Lei do Gás* tem sido apontada como incentivo à retomada econômica do país após a crise ocasionada pela pandemia da Covid-19. Contudo, há quem diga que o impacto não será tão grande assim. Como o senhor avalia esse cenário? Sairemos da pandemia com uma situação fiscal ainda mais delicada do que a que motivou a reforma da Previdência. O custo do necessário acolhimento dos brasileiros pelo governo chegará às contas públicas. Portanto, não adianta sonhar com soluções que dependam de recursos públicos ou investimentos da União e dos estados ou subsídios e encargos que sejam um peso ainda maior para a economia. A tentação de promover o desenvolvimento através do estímulo a obras desnecessárias, por exemplo, apenas aumentará o peso sobre a sociedade e

Paulo Pedrosa lembra que os custos do gás levaram o país a depender de importações, por exemplo, de fertilizantes agrícolas e aspirina

atrasará ainda mais a nossa recuperação. Precisamos de soluções que façam sentido econômico, tragam capitais novos e dinamizem a economia. A *Nova Lei do Gás* vai ser o grande tiro de largada para um novo ciclo na nossa economia.

Em termos de regulamentação do setor, como esse novo marco regulatório colocará o Brasil diante do cenário internacional? Nossas indústrias chegam a pagar três ou quatro vezes o preço de concorrentes internacionais. Portanto, é muito mais barato trazer produtos acabados fora do Brasil do que produzir aqui, em especial aqueles produtos intensivos em energia. Foi assim que a nossa agricultura passou a depender de 80% dos fertilizantes importados e foi assim que, para dar um exemplo de grande valor simbólico, paramos de produzir até aspirina, um produto do dia a dia das famílias brasileiras. É importante avançarmos na aprovação da Lei do Gás, na modernização do setor elétrico e nessa agenda que, junto com o mercado nacional, é uma plataforma importante. Podemos reposicionar a indústria brasileira e reverter uma trajetória que tem custado muito caro à nossa sociedade. A Lei do Gás vai trazer muita diversidade e segurança jurídica.

Na discussão da Lei do Gás, a voz da indústria está sendo ouvida? A aprovação na Câmara nos mostrou a força da articulação da indústria. Por meio de ampla articulação, chegamos às lideranças do governo e do Congresso pelos mais diversos e legítimos canais e fomos ouvidos. Esse movimento foi um grande aprendizado e esperamos que ele se repita e dê ao Brasil a vitória da aprovação da *Nova Lei do Gás* no Senado Federal. ■

PIB deve cair 4,2% em 2020

APESAR DO FORTE RITMO DE CRESCIMENTO NO TERCEIRO TRIMESTRE DO ANO, AS PERDAS CAUSADAS PELA CRISE DO NOVO CORONAVÍRUS SÃO A TÔNICA DA ECONOMIA

O Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro cresceu 1,1% em 2019. Em dezembro do ano passado, motivado pelas esperadas reformas que viriam nos próximos meses e pelas ações capazes de estimular o crescimento da economia, por parte do governo, o setor industrial projetava um aumento de 2,5% na economia em 2020. No entanto, o otimismo foi atingido, em cheio, pela pandemia do novo coronavírus.

De acordo com o relatório *Informe Conjuntural: 3º semestre de 2020*, da Confederação Nacional da Indústria (CNI), o PIB deve crescer 9% no terceiro semestre, mas essa alta não será suficiente para compensar as perdas totais do ano. Por isso, o PIB cairá 4,2% em 2020, segundo projeção da CNI. O encolhimento do PIB industrial deve ser apenas um pouco menor, de 4,1%.

Depois de grande queda das atividades em abril, a recuperação também tem sido forte, mas deverá perder esse ímpeto no último trimestre, à medida que se aproximar do patamar em que se encontrava antes da pandemia. Por isso, segundo o presidente da CNI, Robson Braga de Andrade, não se pode confundir recuperação dos efeitos da crise com retomada do crescimento econômico.

"Antes da crise, o país mostrava falta de competitividade, sem avanços na agenda de reformas, em especial da tributária", diz Andrade, que tem insistido na importância da adoção de medidas anticíclicas. A CNI apresentou ao governo federal, em setembro, o documento *Propostas para a retomada do crescimento econômico*, com 19 medidas elaboradas pelo setor industrial.

Para a entidade, a reforma tributária é essencial neste momento pós-crise, pois o modelo atual, complexo e pouco eficiente, limita a competitividade e distorce a estrutura produtiva do país. Além disso, segundo a CNI, a retomada do crescimento econômico depende da redução do Custo Brasil e do aumento do investimento, com foco no ganho de produtividade.

EMPREGO

Em termos de saldo de emprego formal, a expectativa é que o segundo semestre mostre retomada até novembro e que a taxa média de desocupação fique em 13,5% em 2020, ou seja, 1,6 ponto percentual acima do registrado em 2019, quando alcançou 11,9% da força de trabalho.

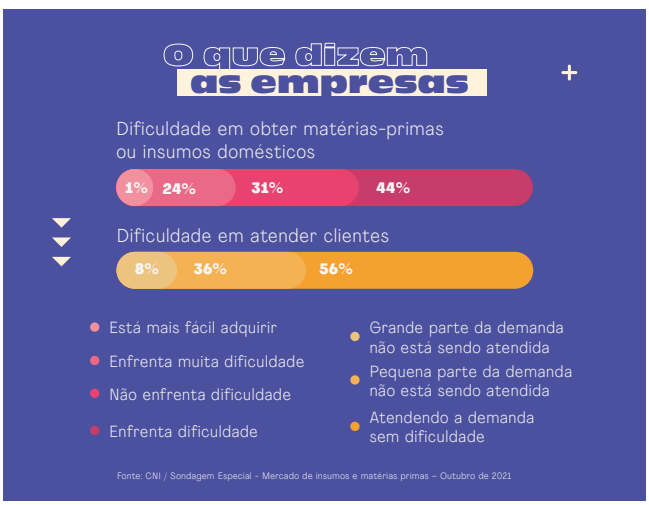
Segundo o *Informe Conjuntural*, os próximos meses não devem trazer risco de descontrole inflacionário que possa ameaçar o alcance da meta de inflação no ano. Entretanto, há sinais de alerta na dinâmica dos preços no varejo em função da aceleração já registrada nos preços ao produtor. Segundo a CNI, a taxa básica de juros em baixo patamar incentiva a demanda e reduz o custo do crédito, projetando em 2% a taxa para o fim de 2020. ■

PERSPECTIVAS DA CNI PARA A
ECONOMIA
2019
2020
PIB
+1,1%
-4,2%
PIB INDUSTRIAL
+0,5%
-4,1%
TAXA DE DESEMPREGO
11,9%
13,5%
INFLAÇÃO
+4,31%
+2,57
TAXA NOMINAL DE JUROS (FIM DO ANO)
4,5%
2%
EXPORTAÇÕES (US$ BILHÕES)
225,4
210,7
IMPORTAÇÕES (US$ BILHÕES)
177,4
154,3
Fonte: CNI/ Informe Conjuntural: 3º semestre de 2020 – Outubro de 2020

Termômetro

FALTAM INSUMOS NA INDÚSTRIA

Sondagem Especial da Confederação Nacional da Indústria (CNI) aponta que 68% das indústrias estão com dificuldades para obter insumos no Brasil. 82% delas perceberam alta nos preços e 44% dizem que estão com problemas para atender os clientes, principalmente por falta de estoques e pela demanda maior que a capacidade de produção neste momento. Mais da metade das empresas (55%) avalia que esse problema só se resolverá em 2021.



INTENÇÃO DE INVESTIR AUMENTA HÁ SEIS MESES

A propensão dos empresários a investirem alcançou os 57,2 pontos, alta de 1,9 ponto em outubro. É o sexto aumento consecutivo do índice, que acumula crescimento de 20,5 pontos na comparação com abril, segundo a *Sondagem Industrial* de setembro da CNI. Além disso, o índice aumentou sua distância em relação à sua média histórica de 49,6 pontos, ainda que não tenha alcançado os níveis registrados no pré-pandemia.

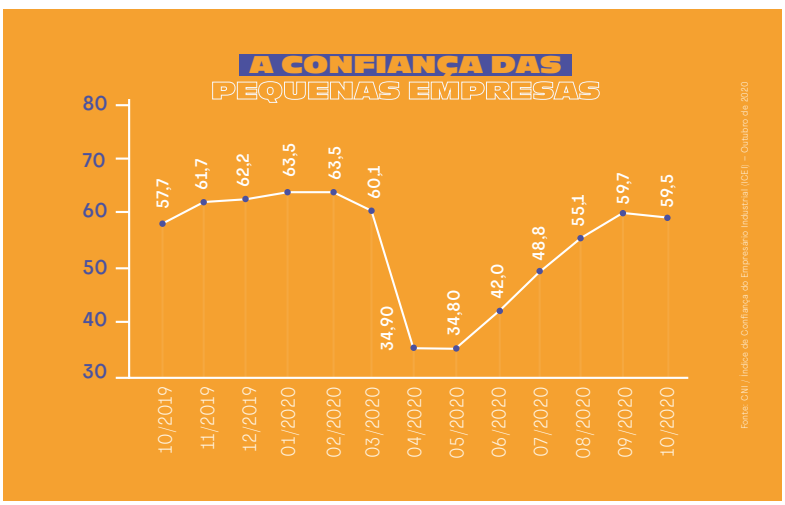
SAIBA MAIS:

Use o *QR Code* e tenha acesso à pesquisa diretamente no seu celular.

Econômico

EMPRESAS PEQUENAS ESTÃO MENOS CONFIANTES

Os empresários das pequenas empresas são os que registram menor confiança quando comparados aos das médias e grandes empresas. É o que aponta o *Índice de Confiança do Empresário Industrial* (ICEI), da CNI, que ficou estável em outubro. Após quatro altas consecutivas e chegar aos 59,7 pontos, o ICEI das pequenas empresas ficou em 59,5 pontos, contra 60,6 pontos das médias e 62,3 pontos das grandes.



MEDO DO DESEMPREGO CAI, MAS É MAIOR ENTRE AS MULHERES

Calculado pela CNI, o Índice do Medo do Desemprego ficou em 55 pontos em setembro, valor 3,2 pontos abaixo do mesmo período de 2019. O resultado demonstra que as medidas de proteção ao emprego, adotadas a partir de março pelo governo federal, contribuíram para aumentar a sensação de segurança da população empregada. A preocupação, entretanto, é maior entre as mulheres (62,4 pontos) que entre os homens (46,8), o que mostra uma desigualdade de gênero acentuada nesse tema.

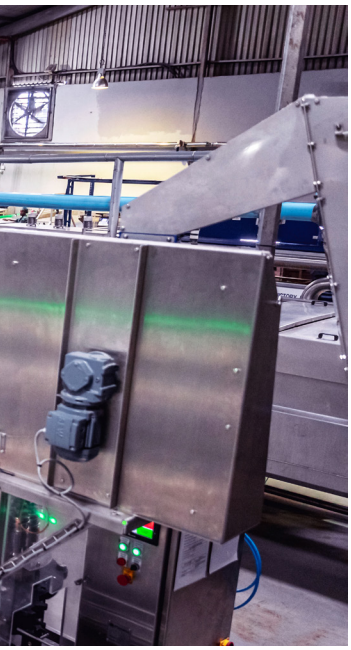
Giro Brasil

▸ FEDERAÇÃO DA PARAÍBA REALIZA *RODADA VIRTUAL DE NEGÓCIOS*

Em parceria com a Apex-Brasil, a Federação das Indústrias do Estado da Paraíba (FIEP) e as demais federações das indústrias do Nordeste realizarão uma *Rodada Virtual de Negócios* com foco nos setores de alimentos, bebidas e confecções. O evento online será nos dias 2 e 3 de dezembro e tem como foco as empresas sediadas no Nordeste que tenham maturidade exportadora iniciante ou intermediária. São esperados participantes de até 40 empresas e 10 compradores internacionais. A rodada conta com o apoio da Associação Nordeste Forte.

◂ FIERN E SEBRAE LANÇAM *MAPEAMENTO DO ECOSSISTEMA DE INOVAÇÃO*

A Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Norte (FIERN) e o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do estado (Sebrae) lançaram, em 23 de outubro, o *Mapeamento do Ecossistema de Inovação* potiguar. O estudo traça um perfil completo de negócios inovadores destacando as ações envolvidas nesse sentido. O objetivo é estimular a estratégia inovadora das empresas e ampliar a efetividade das políticas de apoio à inovação por meio da interlocução entre a iniciativa privada e o setor público.



FIESC TEM PLATAFORMA ONLINE DE INTERNACIONALIZAÇÃO

A Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina (FIESC) divulgou, no dia 21 de outubro, a plataforma *Internacionalização*. Nela, tanto microempresas como companhias transnacionais catarinenses encontrarão tudo o que precisam saber sobre o mercado internacional. Além disso, o site disponibiliza diversas ferramentas e estudos para auxiliar empreendedores no desenvolvimento de um plano de ação a partir de diagnósticos e na criação de estratégias de negócio para alcançar mercados de outros países.

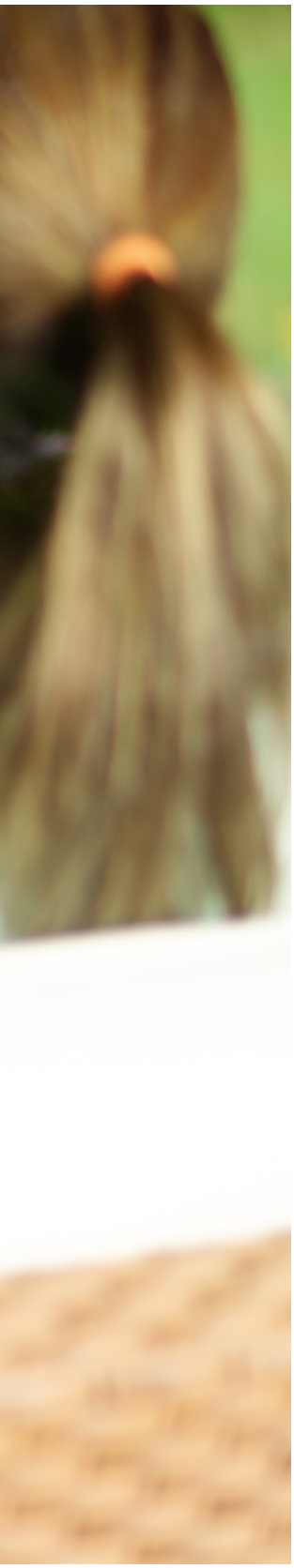
FINDES PROMOVE CAMPANHA *INDÚSTRIA TRANSFORMA*

A Federação das Indústrias do Espírito Santo (FINDES) divulga, desde o fim de outubro, peças da campanha *Indústria Transforma.* A intenção é valorizar a conexão entre a indústria e os consumidores, estimular o consumo de produtos capixabas e mostrar que, antes de ser consumido, um produto passa pelas mãos e pelo talento de muitas pessoas. No Espírito Santo, o setor é responsável por 22% do PIB e por 67% dos gastos em pesquisa e desenvolvimento do setor privado. Além disso, 93% das exportações do estado são realizadas pela indústria.

FATEC SENAI DO MATO GROSSO PARTICIPA DE CONGRESSO INTERNACIONAL

A 58ª edição do *Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural* (Sober), promovido entre 26 e 28 de outubro, contou com artigos científicos produzidos por professores da Faculdade de Tecnologia SENAI Mato Grosso (Fatec SENAI-MT). O evento é considerado o maior congresso latino-americano do setor. Para o diretor acadêmico da instituição, Rubens de Oliveira, a aprovação dos artigos é um bom indicador do nível da equipe de professores. “Isso reforça o nosso compromisso em ter um corpo docente qualificado e experiente”, avalia.

▸
Serviços do instituto têm sido utilizados por empresas de todos os portes, inclusive grandes como Bosch, Ford e Natura



IEL expande atuação digital

EM MEIO À PANDEMIA, INSTITUTO EUVALDO LODI LANÇA NOVOS PRODUTOS E SERVIÇOS, COM FOCO NA ATRAÇÃO E RETENÇÃO DE TALENTOS E NA PROMOÇÃO DE PROJETOS INOVADORES PARA A INDÚSTRIA

O Instituto Euvaldo Lodi (IEL) ofereceu em 2020, pela primeira vez, cursos gratuitos de educação executiva na modalidade educação a distância (EaD) e, pelo número de participantes, a iniciativa foi um sucesso. Mais de 36 mil pessoas de todo o Brasil se matricularam nos 21 cursos disponibilizados, com foco nas áreas de gestão, finanças e negócios.

Os cursos de qualificação têm como objetivo aumentar a produtividade operacional e contribuir com a performance de quem atua em ambientes corporativos. Além deles, o IEL promoveu ainda, pela primeira vez, uma série de webinars com mentorias em gestão empresarial.

Segundo o superintendente nacional do IEL, Eduardo Vaz, a qualificação diferenciada foi oferecida em um momento importante. "Estamos passando por uma grande transformação no mercado e o IEL está alinhado a isso, conectando, inclusive, empresas e jovens profissionais que não estão nas mesmas cidades por meio do estágio remoto, que se tornou realidade nesse novo cenário", explica o dirigente.

CONEXÃO

As ações do IEL nos últimos meses vão ao encontro de uma cultura de estímulo à inovação no ambiente de trabalho que vem de muitos anos. Criado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) em 1969, o IEL iniciou suas atividades com uma proposta avançada para a época: aproximar os estudantes das indústrias por meio de estágios supervisionados.

Nos anos 1990, quando o Brasil abriu as portas para a concorrência externa, a defasagem tecnológica da indústria brasileira ficou visível. Foi aí que o IEL começou a diversificar suas atividades. Experiências internacionais levaram o instituto a ser procurado por empresários que buscam o aperfeiçoamento da gestão de seus negócios, da inovação tecnológica e da modernização das práticas empresariais.

Hoje, os núcleos regionais do IEL, presentes em todos os estados brasileiros, também ofertam produtos e soluções às empresas de pequeno, médio e grande portes e diferentes segmentos. Entre as organizações parceiras estão Bosch, Unilever, Ford, Braskem, Natura, Lenovo e Bradesco.

"Neste ano tivemos que nos reinventar, investindo na transformação digital para nos aproximarmos de uma maneira melhor de estudantes, profissionais e empresas. E dessa digitalização de processos, criamos aqui na Bahia o Clube IEL de Negócios", conta o superintendente do IEL do estado, Evandro Mazo. O clube promove encontros virtuais quinzenais que aproximam empresas compradoras e fornecedoras baianas, com o objetivo de impulsionar parcerias e, também, a economia local.

NOVO POSICIONAMENTO

O ano de 2020 marca, também, uma nova fase do IEL, que ampliou o foco na promoção da inovação no país, conectando indústria, centros de conhecimento e organizações nacionais e internacionais. Com investimentos em tecnologia e em uma

reagrupação de seus serviços de maneira estratégica, o instituto tem trabalhado em três frentes principais: gestão empresarial, educação executiva e talentos para a indústria.

A gestão empresarial contempla a oferta de projetos de consultoria e promoção da inovação, além de aprimoramento de competências em gestão. Um dos produtos que serão intensificados é o Lean Office, criado para que as empresas possam agilizar seus processos, reduzir custos operacionais e implantar um sistema de melhoria contínua em áreas administrativas e em atividades de apoio e serviços.

Na educação executiva, a grande novidade é a plataforma digital que reúne programas e cursos para desenvolver competências em gestão para jovens talentos, empresários, executivos e gestores de empresas.

Os já reconhecidos programas *Inova Talentos* e *Inova Global* e o *Programa de Estágio do IEL* estão reunidos na aba de talentos para a indústria. Com eles, o IEL segue atuando no desenvolvimento e na inserção de profissionais no mercado de trabalho com foco na promoção da inovação, da transformação digital e do aumento da produtividade da indústria.

ALCANCE

Desde 2012, o programa de identificação, seleção e capacitação de jovens para estágios já atendeu a mais de 945 mil estudantes de 1.284 instituições de ensino superior parceiras. Esses jovens se conectaram a mais de 143 mil empresas.

Por outro lado, mais de 420 mil empresários foram qualificados por meio do programa de estímulo ao desenvolvimento de habilidades e competências, direcionado a gestores e executivos, com mais de 38 mil empresas atendidas entre 2012 e 2019.

"Queremos ser vistos como um hub de difusão de conhecimento, seja por meio das nossas capacitações empresariais, de projetos de inovação, atração e retenção de talentos, e tudo isso com parcerias com universidades e empresas, formando uma grande rede de conexões que entrega soluções para demandas reais da indústria", diz Eduardo Vaz. ■

▲
MAURÍCIO LASSMANN
proprietário da Telamix Indústria e Comércio (BA)

pode contar

"Diante da retração da construção civil na pandemia, suspendemos a produção dos nossos itens tradicionais – como estantes de ferro, expositores e corrimãos – e passamos a fabricar materiais para auxiliar na prevenção do novo coronavírus – como barreiras protetoras divisórias e aspersores de álcool em gel. Com o apoio do Núcleo de Acesso ao Crédito (NAC) da Federação das Indústrias do Estado da Bahia (FIEB), conseguimos um financiamento do FNE Emergencial, que foi decisivo para comprarmos 10 toneladas de aço e insumos num momento em que o preço ainda não havia subido. O apoio técnico da Confederação Nacional da Indústria (CNI) foi muito importante para a empresa atravessar a crise, conseguir atender à demanda e não demitir nenhum funcionário."

A opinião de articulistas convidados e convidadas não necessariamente reflete a da CNI.

▲
Cofundadora do Grupo Orna

A inovação não é um setor, é uma mentalidade

por DÉBORA ALCÂNTARA

Recebi um convite especial da Confederação Nacional da Indústria (CNI) para falar sobre a importância da inovação no empreendedorismo e trazer minha experiência relacionada a esse universo. Desde quando comecei a empreender, dez anos atrás, sempre tive a inovação como um dos meus focos. As marcas que criei junto às minhas irmãs no ORNA Group são reflexo de um olhar crítico, sempre observando as necessidades do mercado e arriscando dar o próximo passo.

Mas, afinal, o que significa inovar?

Existem diversos conceitos para a inovação. No inconsciente de muitos, ela ainda está restrita a novas soluções tecnológicas, mas se ficarmos limitados a essa definição, fica difícil inovar. Os recursos muitas vezes são escassos e achamos que "inovação" é para poucos.

É assim que muitas empresas deixam a inovação em segundo plano ou, no máximo, definem um setor de inovação para tentar criar algumas iniciativas e "forçar" ideias a surgirem dali.

Mas será que esse conceito faz sentido?

Na minha visão e experiência, a inovação é uma mentalidade, que pode (e deve) ser estimulada em toda a cultura organizacional. Ela não precisa ser setorizada e nem limitada a grandes investimentos tecnológicos ou a alguns profissionais específicos com "superpoderes".

A inovação não é um projeto pontual e sim uma prática contínua. É possível inovar em processos e até na forma de se comunicar. Um exemplo que nos orgulha é o ORNA Café. Ainda não tínhamos experiência com marcas offline, então começamos do jeito que conhecíamos melhor: na internet. O café ganhou fãs antes mesmo de abrir, conquistando futuros clientes.

Cada pessoa que compõe o time de uma organização tem uma visão diferente e um repertório diferente. Segundo a Harvard Business Review, empresas com estímulo à diversidade costumam ter funcionários mais colaborativos e dispostos.

Ou seja, ser diverso é um ingrediente fundamental para quem quer inovar. Saiba ouvir todas as vivências e estruture atividades onde cada membro busca uma proposta que pode ser aplicada à sua empresa.

Busque referências fora da sua área. As ideias novas estão por toda parte, e se aquilo ainda não foi feito no seu setor, seja o primeiro. Lembre-se: "errar" é uma oportunidade para aprender e você não vai descobrir se não tentar.

Inovar é a união de uma mente aberta a novas ideias à coragem de arriscar. Arriscar ser o primeiro, ser imperfeito, fazer sem saber se vai dar certo. Tente, arrisque e trabalhe em cima dos resultados que atingir. ■

Por trás do seu tênis, há o trabalho de milhares de brasileiros
E assim como ele, todos os produtos são o resultado de processos industriais que envolvem milhares de pessoas.
É um trabalho feito por muita gente para você. Por isso, o seu consumo garante empregos, gera crescimento e fortalece o nosso país.
Valorize e consuma produtos nacionais.
Pelo futuro da indústria, pelo futuro dos brasileiros.
www.senai.br
www.sesi.org.br
SESI SENAI
PELO FUTURO DO TRABALHO

CNI

Confederação Nacional da Indústria

PELO FUTURO DA INDÚSTRIA